



ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

6173 - Pôster - XIII Reunião Científica da ANPEd-Sul (2020)

ISSN: 2595-7945

Eixo Temático 16 - Relações Étnico-Raciais

### EXTRATOS DE UMA DOCÊNCIA: NARRATIVAS MARCADAS POR TRAÇOS DE DIVERSIDADE E CONSCIÊNCIA CRÍTICA

Maria Eduarda Ribeiro da Silva - UCS - Universidade de Caxias do Sul

### **EXTRATOS DE UMA DOCÊNCIA: NARRATIVAS MARCADAS POR TRAÇOS DE DIVERSIDADE E CONSCIÊNCIA CRÍTICA**

Para que se olhe para o passado, faz-se necessário um olhar analítico, atento e perspicaz. Por vezes, o “olhar para trás” faz com que se sinta o doer no pescoço, e ainda que por vezes breve, exige um esforço. Esforço esse que nos leva a analisarmos a nós mesmos como se analisa a um filme pela segunda vez. Afinal, aquele detalhe da fala, o olhar do ator, a iluminação do cenário, etc., passam a fazer outro sentido. Já não se trata mais de um primeiro olhar, mas de um olhar consciente e crítico de que os acontecimentos passaram de um sentido ingênuo do destino para a busca de um sentido de outra realidade que se construiu.

O ponto de partida do presente texto se deu através de uma pergunta mobilizadora, a saber: quais percursos da autora das narrativas autobiográficas envolvidas no projeto que origina esta produção contribuíram para o desenvolvimento da consciência crítica no seu fazer docente e em que medida essa potencializa suas análises autorreflexivas sobre os sentidos da prática docente no âmbito da legislação educacional ancorada no direito à educação? E, a partir desse, definem-se os seguintes objetivos: analisar a legislação educacional brasileira, a contar da constituição de 1988, a fim de perceber os reflexos da mesma no processo de constituição da professora da Educação Básica, autora do referido projeto; identificar estágios da construção da criticidade na trajetória pessoal da autora; evocar vivências que contribuíram para a assunção do perfil de docência da proponente; construir uma linha do tempo, estabelecendo paralelos entre os marcos legais das políticas educacionais brasileiras e a trajetória de vida da proponente. Diante dos objetivos específicos o objetivo geral se denota o seguinte fim: produzir uma narrativa autobiográfica entrelaçando percursos de experiência de vida, escolar e docente, a fim de perceber as influências e os reflexos da legislação educacional brasileira do período de 1988 até o presente na constituição da consciência crítica da sua autora voltada aos seus modos de significar a prática docente.

Para estas respostas, lancei mão do método autobiográfico, revisitando minhas memórias e traçando paralelos com as mesmas, a partir de uma reflexão no ato docente e na construção de uma professora com o perfil crítico. Como embasamento, adentro em Alves (2015, p. 4) “no qual visa conhecer a trajetória de vida pessoal e profissional do indivíduo e as significações que o próprio sujeito constrói sobre si, tratando de uma descrição de momentos significativos na vida do indivíduo, assim como suas relações pessoais,

acadêmicas e profissionais”.

A partir de um estudo aprofundado no viés da educação, em entrelaçamentos com a evocação de minhas memórias a respeito de vivências em sala de aula como docente e como educanda, busquei refletir sobre a construção de uma consciência que visa à criticidade. Nessa busca de mim mesma, em meus percursos de vida, encontrei extratos da minha vivência escolar no ontem e no hoje.

Nesse traçar por caminhos de marcos legais, adentrei no Estatuto da Criança e do Adolescente no que se referia, aos também, direitos da criança e do adolescente. Percebi que a legislação se encontrava em paradoxo, ou seja, o que ali constava pouco se via em execução. Afinal, assim o diz em relação aos direitos básicos como “à liberdade, ao respeito e à dignidade”. (BRASIL, 1990).

Nesse mesmo sentido, Freire (1970, p. 6) antes mesmo da universalização dos direitos do ser humano à liberdade, dignidade, à educação e aos demais direitos acima citados, vai ao encontro destes quando aborda sentido da liberdade de aprender no que se refere ao conhecimento e construção de sua própria história “A prática da liberdade só encontrará adequada expressão numa pedagogia em que o oprimido tenha condições de, reflexivamente, descobrir-se e conquistar-se como sujeito de sua própria destinação histórica”.

E na busca pela minha história e construção de um ser crítico, no diálogo dos autores citados até o momento valho-me de Giron na construção e resgate de minha historicidade e identidade de mulher negra, habitante nascida e crescida na periferia de uma grande cidade que enaltece a descendência europeia. Com seus escritos, Giron perpetua a importância de estudar as matrizes africanas e suas contribuições para o Brasil e escala, mais adiante e especificamente, a Serra gaúcha, onde ela retrata a trajetória do negro desde as terras africanas: “o escravo africano, imigrante forçado, foi cobrado a aculturação, bem como um universo de limitações como cerceamento da liberdade mínimas do homem e a completa sujeição à vontade alheia. [...]”. (GIRON, 2009, p. 23).

Na complementação desse mesmo parágrafo, Giron (2009) explicita: “a ele foi negada a sua prática política e, portanto, sua condição de cidadão”. Complementando-a, é possível dizer que esse direito a política, apesar de não sobressaliente à luz, ainda hoje se faz presente de maneira velada. Nessa busca pela história de outrora e os resultados da mesma na atualidade, percebi que nas salas de aula das escolas periféricas onde atuei esse enraizamento da neutralidade por parte de algumas instituições de educação básica ainda se faz presente. A liberdade e o conhecimento sobre a sua própria historicidade envoltos nas trajetórias e culturas dos educandos ainda paira no inexistente. Por meio dessas percepções de veto, esquecimento, anulação da criticidade por parte de teorias ainda enraizadas no tecnicismo, a repetição e as famosas decorebas ainda se sobressaem; poucas vezes são oportunizadas as rodas de debates sobre o conhecer-se e perceber-se como indivíduo capaz de tornar exequível a transformação social.

Percebi também o apagar de minhas raízes, sendo-me possível o conhecimento dessa somente aos 28 anos, por meio de pesquisadores como Lucas Caregnato e Loraine Slomp Giron, que retratam em seus registros a identidade do povo negro e as suas contribuições para a região serrana do Rio Grande do Sul. Com relatos e textos providos de historicidade, fui percebendo também a questão étnica e a relação não-equânime com a massa dominante, com os que detém o poder, muitas vezes, embasados em estereótipos e segregação ainda que velada. Segregação essa que delimita o direito daqueles que são oriundos de periferias e comunidades menos favorecidas. (CAREGNATO, 2011, p. 209).

Na sua Pedagogia da Autonomia, Paulo Freire traz que ensinar exige criticidade; a

imparcialidade não possui um espaço no ato de conhecer, nos processos de aprendizagem, na troca de saberes. “A superação e não a ruptura se dá na medida em que a curiosidade ingênua, sem deixar de ser curiosidade, pelo contrário, continuando a ser curiosidade, se critica.” (FREIRE, 1996, p. 15).

Comparo essa inquietação do ser com as dores de parto, essa inquietação que após imensa indignação e insatisfação com o meio opressor vem à tona como forma de liberdade. Freire justifica a criticidade e dá o seu significado no sentido de libertação do meio e o atentar-se às mudanças sociais que cercam o sujeito. Nesse viés, a criticidade vem para problematizar, questionar e não se manter imparcial, visando assim uma busca benéfica social para o todo, sem excluir aqueles pertencentes a grupos de menor expressão, ou seja, as ditas “minorias” invisíveis.

Inicialmente me percebi como negra e não como ser humano. Na infância, os chamamentos pejorativos nos trazem os traços da negritude e não de um ser humano sendo constituído aos poucos como cidadão. Percebi que para uma possível assunção social, cultural e intelectual, o estudar e o trabalhar seriam atitudes de rebelião diante de um sistema excludente e padronizado.

Transpondo a época que frequentei o ensino fundamental, leis sobre o ensino das matrizes africanas que contribuíram com o Brasil já estavam em vigência e ainda assim a minha história continuava invisível. Os livros de História de minha cidade abordavam somente três etnias, e nenhuma era a negra. Cresci aprendendo que a cidade onde residio havia sido constituída por mãos brancas, assim como a escrita da sua própria história. Tal constatação reverberou em mim de tal maneira a fazer-me buscar algo mais conciso sobre a história até então admitida.

Os movimentos realizados para a construção das ideias e sistematização deste texto levantaram conversas e debates, conversas e concordâncias entre teorias entrelaçadas à minha vivência e à minha percepção como estudante em um curso de licenciatura em Pedagogia, mais recentemente no mestrado em educação, como educadora negra e mulher, e como ser atuante na transformação social.

Freire (1970), em seus escritos, profere a verídica premissa de que somos seres inacabados e no descobrir-se a cada dia, a curiosidade, a indignação, a ansiedade, o desejo de redescobrir-se se fazem ainda mais presentes. Nesse ponto característico, me foi possível entender e proceder em relação a algo que eu não tinha acesso: o quem sou, de onde vim e qual minha missão na educação, como professora ou como pesquisadora em processo de construção e em permanente movimento de reflexão sobre a prática.

Na escavação de minha história e de minhas raízes, concomitantemente à legislação e aos escritos dos teóricos utilizados em minha fala, relatos, averiguação, dentre outros processos que se fundiram para que o projeto que origina este texto fosse desenvolvido, e propagação da mesma se faz latente.

Na ironia das palavras aqui constantes, fiz um roteiro sobre como se deu o meu processo de identificação em âmbito adverso, num contexto de diversidade. Muitos sonhos se fazem não encantados dentre escolas afora, como o meu que por um detalhe não se realizou. Porém, com a consciência de indivíduo de que cada ser é uno em sua cultura e identidade, com essa percepção de libertar em lugar de oprimir, sonhos e desejos podem vir a ser realidade.

É possível, ainda que quase inatingível, manter o rigor de nadar contra a correnteza em favor dos invisíveis, daqueles cujos acessos são negados, daqueles que o sistema

transforma em números, como códigos que podem ser apagados. Nos dois caminhos, um é mais cansativo, porém inegavelmente mais libertador.

Diante da revisitação das narrativas sobre minha história de negritude que acompanha os desafios de me constituir professora negra em uma terra de gringos brancos, muitos aspectos emergem e tantos outros ficam submersos, abrindo janelas para novas incursões em tentativas de professorar ao mundo os clamores e os dilemas que acompanham tantas outras identidades e processos discriminatórios, tais quais foram e são os meus.

Em conclusão ao exposto, torno-me mais perspicaz no sentido de buscar a essência que me envolve enquanto educadora, como mestranda, ou como uma mulher negra que se liberta dos grilhões e em prontidão para romper aqueles que já não são de ferrolhos, mas sim de desigualdades.

**PALAVRAS-CHAVE:** Educação. Consciência crítica. Narrativas autobiográficas. Direito à educação.

## REFERÊNCIAS

ALVES, Gislene de Araújo. **Narrativas de si:** reflexões teórico-metodológicas da pesquisa (auto)biográfica como abordagem de investigação e formação docente. Rio de Janeiro, 2015.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. **Informação e Documentação:** referências: elaboração. Rio de Janeiro, ABNT, 2002.

BRASIL. **Constituição:** República Federativa do Brasil. Brasília, 1988.

BRASIL. **Lei nº 8.069, de 13 de julho de 1990. Estatuto da criança e do Adolescente – ECA.** Brasília, 1990.

CAREGNATO, Lucas. **Presença e contribuição dos afro-descendentes no município de Caxias do Sul – 1875 a 1950.** 2011.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia –** saberes necessários à prática educativa. 25ª Edição. São Paulo: Editora Paz e Terra, 1996.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido.** 17ª Edição. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra, 1987.

GIRON, Loraine Slomp. **Presença Africana Na Serra Gaúcha: Subsídios.** 1ª Edição. Caxias do Sul: Letra e Vida, 2009.